



Festa Literária Internacional

**vivalivro**

literatura como acolhimento



# Quem eu sou no mundo

Coletânea de  
poemas e contos



Instituto

**Emília**



# **Quem eu sou no mundo**

Coletânea de poemas e contos





Festa Literária Internacional

**vivalivro**

literatura como acolhimento



# Quem eu sou no mundo

Coletânea de  
poemas e contos



Instituto

**Emília**

## Quem eu sou no mundo

Coletânea de poemas e contos

### Curadoria

Valéria Pergentino

Dolores Prades

### Edição

José de Jesus Barreto

### Projeto gráfico

Solisluna Design

### Ilustrações

Enéas Guerra

### Editoração

Elaine Quirelli

### Revisão do texto

Ana Luz

### Comissão Concurso

Giselly Lima

Bárbara Passos

José de Jesus Barreto

Distribuição gratuita. Não pode ser vendido.

Os autores dos textos e ilustrações são os detentores dos direitos autorais e responsáveis pela sua originalidade, portanto estes textos não podem ser publicados no todo ou em partes sem a autorização deles.

Este livro foi produzido a partir de textos inscritos no Concurso Literário Quem eu sou no mundo, uma ação da Festa Literária Internacional VivaLivro - Literatura como acolhimento, que teve o apoio financeiro da Fundação Pedro Calmon, Secretaria de Cultura do Estado e Governo da Bahia, e da Secretaria Especial de Cultura, Ministério do Turismo, Governo Federal, através da Lei Aldir Blanc.

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Q3 Quem eu sou no mundo: coletânea de poemas e contos / vários autores ; organizado por José de Jesus Barreto ; ilustrado por Enéas Guerra. - Lauro de Freitas : Solisluna Editora, 2021. 96 p. : il. ; 12,5cm x 19cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-65-86539-35-6

1. Literatura brasileira. 2. Concurso Literário. 3. Coletânea. 4. Poemas. 5. Contos. 6. Jovens estudantes. I. Barreto, José de Jesus. II. Guerra, Enéas. III. Título.

2021-2051

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992

2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à Solisluna Design Editora Ltda.  
www.solisluna.com.br editora@solisluna.com.br



“Vejo os outros no meu ser  
e vejo o meu ser nos outros”

*Deepak Chopra*



Festa Literária Internacional



literatura como acolhimento

Este livro é composto por textos selecionados dos 22 estudantes de escolas públicas de 18 municípios da Bahia que se inscreveram no Concurso literário **Quem eu sou no mundo**, realizado na I Festa Literária Internacional VivaLivro – Literatura como Acolhimento, que aconteceu on-line, nos dias 24 a 27 de março de 2021, coordenada pela Solisluna Editora e o Instituto Emília. Dos mais de 50 inscritos, foram selecionados 29 textos de 22 autores.



# Sumário

- 13 Quem Sou  
Samuel Shiva Fraga Ramires
- 16 Ser ao ler  
Jéssica da Silva Cerqueira
- 18 Às vezes amar é, sim, uma escolha  
Matheus Francisco Luquini de Souza
- 22 Quem sou eu no mundo I
- 24 Quem sou eu no mundo II
- 26 Quem sou eu no mundo III  
Evânia Silva dos Santos
- 29 Voo estrelado  
Gislane da Silva
- 32 Quem eu sou no mundo  
David Robert Borges Bispo
- 35 Quem sou eu no mundo  
Bianca Oliveira Silva
- 37 Quem eu sou no mundo?  
Laila Nascimento dos Santos
- 38 Quem sou eu no mundo  
Hellen de Miranda Oliveira
- 40 Quem eu sou?  
Samuel Shiva Fraga Ramires

- 43 Ilusão  
Raquel da Silva Santos
- 44 Meu mundo  
Karina Alves dos Santos
- 46 Ser  
Jéssica da Silva Cerqueira
- 48 Quem eu sou no mundo?  
Maria Eduarda de Oliveira
- 50 Seu José  
Ihandra Lopes Correia
- 52 Como sair desse labirinto de medo?  
Beatriz Nascimento Santana
- 55 Quem eu sou no mundo?  
Luana Araújo de Souza
- 57 Aquele desejo começou com uma  
apresentação qualquer  
Caroline Santos da Paz
- 61 Alguém  
Luciana Pereira Nascimento
- 64 Quem eu sou no mundo?  
Elisandra Vitória Santana

- 67 A menina  
Beatriz Nascimento Santana
- 70 Sou alguém  
Guilherme Santos de Carvalho
- 72 A mulher que sou  
Isabela Marçal Rocha Calaes
- 74 A menina  
Hemilly Serra dos Santos
- 77 Quem sou eu no mundo...  
Fabiula Ledo Araújo
- 84 Nana neném  
Matheus Francisco Luquini de Souza
- 88 Dissertação do sentimentalismo  
Samuel Shiva Fraga Ramires
- 92 Posfácio



# Quem Sou

Sou o grito não ouvido das pessoas não vistas,  
sou o canto desenfreado do pássaro perdido,  
sou a fome, a sede, o medo,  
sou o sono, o sonho, a morte.

Cada pedaço de mim tem um nome:

Mariele, Dandara...

Cada centímetro meu possui uma identidade:

Keron, George...

Sou o “aqui não passarão” e sou a carta de  
alforria.

Sou o riso de euforia e sou o fim do inverno.

Canto e grito, espanco e giro, bailo sozinho,

Como Dante no Inferno.

Quem sou? Nem eu sei.

Posso ser só eu,

ou todos vocês.

Posso ser só eu,

ou ninguém.

Sem respostas, apenas arranco a casca da ferida,  
Sem soluções, apenas espanco o vento  
E sem alento, já sem sucesso, cansado da busca  
pelo inalcançável, desisto.  
Sou eu quem grita jogado no chão  
Quem, coberto de sangue,  
implora perdão,  
mesmo sem contar com Deus no coração.

Para os curiosos, sou a histeria,  
a busca insensata  
por um mundo utópico.  
Para os que estão comigo,  
sou a esperança,  
de que um dia haverá paz.

Sou eu que, quando criança,  
chorava pela fome, pela morte.  
Chorava, e mesmo assim, não estancava o corte.  
Eu sou uma pobre ave fora do ninho que caiu ao  
tentar voar.  
Sou o frio implacável que pode matar,

Sou a miséria que o mundo consegue dominar,  
Sou alguém em busca de algo que não se pode  
encontrar.

Quem eu sou? Nem eu sei.  
Sem respostas, encerro o ato,  
sem ser ninguém além de mim mesmo,  
sem significados, sem propósitos, apenas uma  
luta perdida.

Eu sou todas as vidas não vividas,  
mas que seguem presentes.  
Eu sou só eu, simplista e impotente.

Samuel Shiva Fraga Ramires  
*18 anos, aluno do IFBa, Salvador.*  
*Autor de texto premiado*

# Ser ao ler

**E**ra uma vez uma menina curiosa. Sua curiosidade era tanta, que nem um segundo ela parava de perguntar e perguntar sobre as coisas do mundo. Andava para lá e para cá e de novo já estava a perguntar: “Tio Raul, porque o céu é azul?”; “Se a terra fica solta no meio da imensidão, por que ela não cai então?”.

Então assim ela seguia, até que um dia fez uma pergunta que ninguém senão ela sabia. Perguntou a várias pessoas, mas ninguém respondia. Até que encontrou alguém que soube então responder, sua avó.

O que tenho que falar é que essa menina cresceu, essa garota sou eu.

Hoje, ao me perguntar quem sou no mundo, viajo no tempo e, em questão de segundos, lembro-me da minha avó. De como ela falava, do seu jeito de sorrir e principalmente das histórias que contava para eu dormir.

Ela sempre dizia: “Se algum dia você quiser saber quem é, sei onde você pode encontrar”; então se levantava e pegava um livro para me mostrar.

Mesmo com a coisa tão caótica, consigo olhar o mundo por outra ótica, consigo parar, respirar e me encontrar.

Sou muitas, sou Emília, a boneca de pano de Monteiro Lobato, falando pelos cotovelos, sem dar espaço para a tristeza. Sou Capitu, forte e marcante, e sempre com ambição de grandeza. Também sou Gabriela Cravo e Canela, querendo ser livre de verdade, sem viver nas amarras da sociedade; como Julieta, do jeito que sou, disposta a morrer, ou melhor, viver por amor.

Tenho crescido e ainda assim me encontro em livros. Sei que cada vez mais eles têm algo a me ensinar. Ainda não sou quem quero ser, mas o que posso dizer é que a educação, por meio das obras literárias, me faz entender sobre muitas coisas, por isso procuro acolher:

– Sou quem aprende e quer ensinar, sou quem aos poucos o mundo vai mudar.

Jéssica da Silva Cerqueira

*18 anos, aluna do Colégio Estadual de Ensino Profissional Áureo de Oliveira Filho, Feira de Santana.*

*Autora de texto premiado*

# Às vezes amar é, sim, uma escolha

Fui enviado às 19h45 de uma quinta-feira à noite, como forma de agradecimento. Meu tom escarlate, aspecto pixelado e conhecido contorno denunciavam minha identidade: sou um *emoji* de coração, daqueles bem comuns em grupos de WhatsApp escolares.

Enquanto pulsava distraído, pude observar o surgimento de uma movimentação estranha, um turbilhão de mensagens tomou conta do *chat*, minutos após meu envio. Um estudante havia convidado os colegas para participarem de um ato estudantil pacífico em prol da educação, diante de cortes de verba arbitrários realizados pelo governo. Prontamente, depois da convocação feita por ele, o caos se instalou.

A quantidade de alunos que ofenderam aquele menino foi aterradora, tendo em vista que se tratava de uma simples questão relacionada, ainda por cima, com pautas educacionais que dizem respeito a todos os cidadãos. Até que ponto o ódio cega o homem? Confesso que fiquei abismado com a situação que testemunhava naquele gru-

po. Além do trogloditismo para com o rapaz, era uma pauta de suma importância para a construção do futuro de uma nação e, conseqüentemente, para o futuro de todos ali, que estava sendo banalizada e ironizada pelos algozes naquele linchamento virtual.

Todavia, surpreendi-me ainda mais com a seriedade, determinação e resiliência do garoto que, mesmo tendo sua dignidade violada por seus colegas, que o xingavam e o ridicularizavam, persistia defendendo seus ideais com serenidade.

Era notória, além da falta de polidez dos colegas, a superficialidade das declarações por eles realizadas. Suas argumentações e embasamentos eram rasos como uma poça d'água em dia quente de verão, limitando-se, puramente, a achismos e constantes falácias fundamentadas em: “Minha mãe me disse...”. A externalização dos revoltantes pensamentos obscurantistas, retrógrados e alicerçados no ódio começaram a provocar rachaduras em mim, até o ponto em que alterei minha natureza, rompendo pixel por pixel, tornando-me um coração partido.

Quando o absurdo beirava às 22h30min e a gentileza que me deu origem já estava completamente aterrada por centenas de mensagens, pude compreender os reais motivos e contornos de todo o embate. O debate que a princípio parecia originar-se do ódio gratuito daqueles jovens começava a tomar contornos mais palpáveis, mas não menos absurdos. Ao ler ofensas que crucificavam os ideais progressistas e tidos como “de esquerda” do aluno, ficou claro que toda a oposição que o estudante sofreu era de cunho político, em decorrência do cenário polarizado e inflamado que o Brasil enfrentava. Era a consequência direta do que os avôs e pais daqueles meninos haviam feito com o país.

Será possível que mais uma geração herdaria o fardo das velhas práticas?

A democracia, que deveria ser uma dança de divergências e convergências que regem um povo, continuaria a ser esse campo minado? Ninguém estaria disposto a ouvir o outro e, de fato, dialogar?

Foi então que, ao final do conflito, quando o negror do céu anunciava a meia-noite e os dedos de

todos os envolvidos já doíam de tanto digitar, eu fui utilizado novamente, para minha própria surpresa. Dessa vez, quem me enviou foi a própria vítima daquelas agressões. Ele, ao me utilizar, disse que todos mereciam o amor que carrego, e se retirou da conversa.

Aquele singelo ato reverberou nos corações – reais, físicos e pulsantes – de cada um naquele grupo. Sua mensagem foi um verdadeiro manifesto em nome da paz que selou a discussão naquele *chat*. Ninguém mais teve coragem de mandar nada. Uma inquietação tomou conta de todos.

– Estávamos a discutir por quê? – Surgiu na mente de muitos.

As grossas carapaças estavam rompidas e uma semente fora plantada. Portanto, tive fé na juventude. Em um universo em que centenas ou milhares escolhem o ódio, se há uma pessoa que escolhe o amor, a esperança segue viva.

Assim, pulsei confiante como nunca.

Matheus Francisco Luquini de Souza  
17 anos, aluno do Colégio Militar, Salvador.  
Autor de texto premiado

# Quem sou eu no mundo I

Sou uma jovem mulher,  
Sou uma estudante  
E amante dos livros, poemas e canções.  
Sou uma eterna aprendiz  
E também uma guerreira raiz  
Não como na era medieval.  
Sou uma guerreira dos tempos atuais.

Por que dizer que sou guerreira?  
Porque todos os dias enfrento batalhas  
Para ir à rua ou até mesmo para a escola.  
E se quero algo para o futuro,  
Tenho que dar “duro”.

Estudar muito, depois do colégio  
Acordar cedo e trabalhar  
Porque na agricultura não existe folga.  
Embora meu trabalho não tenha  
o reconhecimento que merece,  
eu o realizo com muito orgulho.

Eu sei que sou parte do povo esquecido  
e fico indignada com isso.  
Mas, mesmo assim,  
não sou de desistir fácil.  
Sei que são inúmeras as dificuldades  
E eu sou apenas uma.  
Ainda assim, minha luta continua.  
Mantenho-me forte e destemida,  
Minha voz nunca será calada.

Eu sou a voz do povo  
Que clama por ajuda,  
Pois não aguenta mais  
Ser vítima da desigualdade.

# Quem sou eu no mundo II

Eu sou agricultora,  
Aluna, irmã, sobrinha,  
Neta, filha de alguém  
Que luta por uma vida digna  
Mesmo sendo a classe esquecida.

Sei que o povo ao qual pertencço  
É visto como a escória da sociedade,  
Mas na verdade, não sou isso.  
Eu sou a sustentação  
Sou a base da pirâmide.

Sem a base, o que acontece com o topo?  
Certamente vai desmoronar.

Eu sou quem enfrenta as dificuldades,  
Quem não para por nada  
Faça chuva ou faça sol  
Sempre busco um futuro melhor.  
Trabalho e vivo dignamente.

Embora ignorantes me chamem  
De roceira, das “brenhas”,  
Não baixo a cabeça,  
Não tenho vergonha disso.  
Tenho orgulho de tudo que sou:  
Sou da zona rural sim

Tenho lama nos pés,  
Saio cedo para a escola  
(Para ser mais exata às 11 horas)  
E só chego em casa a “boca” da noite.

Quando não há imprevistos,  
Enfrento estradas abandonadas,  
Empurro carro, volto andando para casa.  
Mas ainda assim não desisto,  
Levo comigo a esperança  
E acredito ser também a mudança.  
Posso não fazer grandes revoluções,  
Mas posso iniciá-las, pois sou uma jovem  
Criando e desbravando sua própria jornada.

# Quem sou eu no mundo III

Nem negra,  
Nem branca,  
Nem adulta,  
Nem criança.  
Sou miscigenação  
Em estado de transição.

Não sou filha de empresário,  
Dentista, político ou doutor;  
Sou filha de agricultor,  
Que na sua vida corrida,  
Tem tempo para ser professor.

Eu sou aquela parte da sociedade  
Que é sempre esquecida,  
Que vive em uma batalha diária  
Para conseguir reconhecimento  
E manter uma vida digna.

Não tenho carro próprio,  
Não estudo em escola particular.  
Sou aluna de escola pública  
E meu transporte  
é o ônibus escolar.

Sou uma jovem estudante  
da zona rural.  
Tenho que sair cedo,  
todos os dias,  
para conquistar um ideal.

Sou uma dos muitos  
que enfrentam chuvas,  
lama e tempestades  
E mesmo com os empecilhos  
não se deixam derrotar  
por tantas dificuldades.

Não tenho vergonha  
do que sou ou do que tenho.  
Sei que tudo posso conquistar  
com determinação e persistência.  
Valorizo todos os tropeços  
e faço deles minha essência.

Acredito que as dificuldades fazem parte da  
vida  
E cabe a cada um descobrir qual a saída.  
Não se deve valorizar só a chegada,  
Deve-se olhar para trás e observar se foi  
virtuosa a subida.

Evânia Silva dos Santos  
*18 anos, aluna do Colégio Estadual do  
Campo Hermínio Manoel de Jesus, Valença.  
Texto de autora premiada*

# Voo Estrelado

**E**m uma manhã de fim de outono, um bebê pássaro, que cantarolava alegremente em seu ninho, logo avistou o pai que vinha trazendo o seu café da manhã. Após uma deliciosa refeição, o pai o pegou pelas costas e o levou para o chão; afinal, hoje seriam suas primeiras aulas de voo.

Seu pai lhe ensinou a abrir as asas e disse para se deixar levar pela brisa do ar. Até o fim da tarde, o pequeno pássaro havia aprendido coisas incríveis e não via a hora de voar livremente pelo bosque.

No dia seguinte, o pequeno pássaro acordou bem cedo, ao ponto de ver o sol nascer entre as nuvens, e viu seu pai saindo para buscar alimento junto às outras aves. A hora foi se passando, outras aves iam chegando e o pequeno pássaro não via seu pai aparecer. O céu foi se escurecendo e, triste, sozinho e desconsolado dormiu o passarinho em seu ninho, acreditando que pela manhã o seu pai estaria de volta trazendo o café da manhã.

Amanheceu, era um dia chuvoso, gotas de água caíam do céu e gotas de lágrimas desciam dos

olhos do pequeno pássaro ao ver que seu pai não havia retornado. Naquele dia o céu ficou cinza, a beleza das flores ficou oculta em meio ao frio do inverno que, junto da saudade, esfriou o coração do pequeno pássaro. Infeliz e só naquele ninho ficou o passarinho.

Os dias foram se passando e a saudade aumentou. A reserva de alimento que lhe deixara, já estava acabando, e logo o passarinho teria que ir por ele mesmo atrás de comida. Então, assim decidiu, iria enfrentar seu medo e naquela manhã, junto aos outros pássaros, iria buscar seu café da manhã.

Assim, o passarinho foi em direção à ponta do galho da árvore, fechou os olhos, respirou fundo, mas ouviu um gavião e, assustado, desequilibrou-se. Por um milésimo de segundo as garras do gavião o teriam pegado. Caiu sobre as folhas do chão, logo correu para um arbusto e ali ficou.

Fracassou na sua primeira tentativa; onde já se viu um pássaro sem saber voar? Quem seria ele nesse mundo? Sozinho e sem pai, quem poderia ser aquele pequeno passarinho?

Em meio a tantas dúvidas, ouviu um som rastejante entre as folhas do chão. Uma cobra vinha em sua direção e o pequeno passarinho correu desesperado pelo bosque. Olhou e viu que logo à frente havia um penhasco, não podia parar de correr, talvez fosse menor que seu medo...

Mas, sem parar a carreira, fechou os olhos, respirou fundo, abriu as asas e apenas lembrou-se de seu pai.

O pequeno passarinho não pensou em nada, apenas sentiu a presença de seu pai na brisa do ar. E, sem sentir mais suas pernas tocar o chão, abriu os olhos e viu um vasto céu estrelado. Ele sabia que seu pai estaria sempre com ele, junto às estrelas, observando-o sempre, lá do céu.

E o passarinho voou. Naquele instante descobrira sua própria liberdade.

Gislane da Silva

*14 anos, aluna da Escola Municipalizada Fernando Spínola,  
Vitória da Conquista.*

# Quem eu sou no mundo

Um jovem preto  
de cabelo duro,  
nascido maduro  
no meio do gueto

Criado pelos avós, por conta da tragédia:  
Com dez anos perde o pai,  
A tristeza toma conta,  
A lágrima cai.

A família entra em luto,  
Voltando do enterro, pergunto:  
Quem nos alimentará?  
Ou vai pelo menos uma cesta nos doar?

O tempo passou, a coisa mudou...  
A tristeza superei  
morando com a avó, junto a meu avô.  
Em um programa de crianças entrei  
E com elas me familiarizei.

Então fui crescendo  
E com o tempo aprendendo.

A vida é cheia de desafios  
E com eles tudo se torna sombrio.

No ensino fundamental aprendi muito,  
Mas não o bastante para encarar o mundo.

Um dos desafios chegou  
E o If me abriu as portas.

Muitos pensaram que eu não ia conseguir  
Mas a alegria de minha avó  
não me deixou desistir.

Segui em frente!

A colação de grau seria o meu presente.  
Esforço atrás de esforço.  
Segundo ano concluído,  
Mas um sonho meio perdido.

O que poderia ser o final,  
Se torna um desafio  
de um jeito nada igual.

Aulas Ead é o que vou fazer.  
Concluir o ensino médio  
pensando em meu dever.  
No terceiro ano, as coisas mudaram.

O mundo não era normal.  
Nas ruas há tanto funeral  
Por causa de um vírus mortal.

Confinamento estou vivendo.  
Mas meus sonhos não estou perdendo.  
Continuo firme na minha jornada  
E seguindo em frente a caminhada.

Não posso dizer que é o fim,  
Pois muitas coisas hão de vir.  
Quanto menos você esperar,  
Vou estar do seu lado  
para lhe contar!

David Robert Borges Bispo  
*18 anos, aluno do Instituto Federal de Educação,  
São Sebastião do Passé*

# Quem sou eu no mundo

**A** menina conhecida como Bianca vivia em um interiorzinho chamado Amélia Rodrigues, uma pequena cidade que teve seu nome em homenagem à educadora e poetisa ali nascida, e se desenvolveu através da produção da cana-de-açúcar.

Ela era uma entre os bilhões de pessoas existentes no mundo que não sabiam quem eram em seu próprio mundo.

Um dia a sua professora Joseane perguntou:

– Bianca, quem é você no mundo?

E Bianca, sem saber o que responder, disse:

– Professora... eu não sei!

Passou um tempo e Gleide, a sua professora de português, lhe pediu:

– Bianca quero que você comente quem é você no mundo.

– Certo, professora!

Bianca parou, sem saber o que dizer, pois nunca tinha questionado sobre quem era ela no mundo. Mas, com calma, começou a contar:

– Gosto de ajudar o próximo, porque sei que agora aquela pessoa precisa, mas no futuro pode ser eu.

– Gosto de ajudar e apoiar os meus amigos e familiares, pois sei que, se eu precisar, eles vão estar ali comigo, mesmo não sendo muitos!

– Ajudo meus colegas de classe, pois, assim como eles têm dúvidas em algo, eu também tenho, porque sabemos que o ser humano não é sábio.

O meu papel no mundo é este!

Queria, então, deixar uma frase reflexiva para todos nós:

– Amando e ajudando o próximo, estamos servindo a Deus e usando a sua palavra para tornar o nosso mundo melhor!

A sua professora disse:

– Muito bem, Bianca!

E a partir daí os amigos e colegas de classe de Bianca passaram a ver o mundo de outra forma.

Agora eu lhe pergunto: quem é você no mundo?

Bianca Oliveira Silva

*16 anos, do Grupo Escolar Deputado Wilson Falcão,*

*Amélia Rodrigues*

# Quem eu sou no mundo?

Na descoberta da minha essência,  
A flor enraizada desabrocha,  
A volta do cabelo me mostra:  
Sim, mulher negra é formosa.

Todo dia uma nova busca  
Em busca de mim mesma,  
Em busca de entender  
E compreender quem sou

Por fim saberei quem eu sou  
No meu canto, mas sempre pensando

No dia em que todos serão tratados como iguais  
Independentemente de cor, religião  
e sexualidade.  
Em um mundo que respeite as singularidades.

Laila Nascimento dos Santos

*17 anos, aluna do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes,  
Lauro de Freitas*

# Quem sou eu no mundo

São João fora de época  
Eu era um arraial.  
Do meu solo brotam riquezas  
Palma, palha e sisal,

Mandioca e aipim,  
Mandacaru e licuri,  
Frutos de mil versões  
Estes surgem em mim.

Meu passado longínquo renasce  
Na essência dos filhos meus,  
Cada um que habita em mim  
Tem um pedacinho meu

Araci, Riachão e Serrinha  
Residem perto de mim.  
Todas elas me desenham  
E constroem quem sou eu.

Terra seca, semiárido,  
Difícil saber quem é.  
Dentre todas, o destaque  
Ó Conceição do Coité

Hellen de Miranda Oliveira  
*17 anos, aluna do Colégio Estadual Polivalente,  
Conceição do Coité*

# Quem eu sou?

“O que você quer ser quando crescer?” Essa é, sem dúvidas, uma das perguntas mais feitas para qualquer criança ou jovem.

“O que você quer ser?” A verdade é que a cada dia que passa queremos ser alguém diferente do que somos, e somos alguém diferente do que fomos. Diante disso eu nem saberia dizer quem quero ser, pois nada bastaria para explicar. Mas claro, eles não querem saber quem eu quero ser, eles só querem saber o que eu quero ser.

Quando se é jovem, a resposta está na ponta da língua: astronauta, arqueólogo, lixeiro... Mas quando se fica velho, tudo parece mais confuso. O que eu quero ser? Uma pessoa feliz? Alguém melhor? É mais do que complexo responder a isso, por essa razão não se pergunta isso a um adulto. Até porque adultos já deveriam saber o que querem ser.

O que antes poderia ser respondido como “astronauta” por uma criança, pode ser respondido com um frustrante “eu não sei” por alguém já idoso. A busca inalcançável por ser alguém é falha e frustrante. Ao longo da vida, inúmeras ilusões podem ser alimentadas e, na busca pelo seu eu, a

pessoa pode se perder em um eu mais interno do que externo e se iludir, crendo que alcançou suas expectativas, sendo que sequer saiu do lugar.

Nunca saberemos a resposta para perguntas como “quem você quer ser” ou “o que você quer ser”. Porque elas são carregadas de subjetividades. Uma simples frase pode causar tanto impacto que a capacidade de resposta dela é reduzida.

Enquanto escrevo esse texto, tento refletir em como concluí-lo, e em como posso explicar quem e o que quero ser.

Eu quero ser professor de química em penitenciárias, mas isso não traduz tudo, não justifica todas as razões pelas quais escolhi ser isso. Eu quero ser alguém bom, amando a todos como ninguém pode amar, independente do indivíduo ser bom ou ruim, mas falar isso não justifica minhas atitudes nem explica porque quero amar pessoas ruins. Eu pretendo conseguir passar uma boa mensagem ao mundo e quero fazer a diferença, mas falando dessa forma pode parecer uma ideia estúpida e eu nem sei como começar a dissertar sobre como minhas escolhas do dia a dia refletem isso.

Ao mesmo tempo em que quero ser e fazer muitas coisas, eu tenho apenas 18 anos e mal sei o que é a vida e como ela deve ser vivida. Se para mim essas perguntas já podem ser complexas, se para um idoso elas podem nem ter respostas, por que fazê-las a uma criança como algo simples?

O ponto agora talvez nem seja quem eu quero ser, mas sim quem eu sou.

Eu sou um jovem, eu estudo química e eu amo, como acho que nem cabe no peito, tudo e todos.

Eu erro e eu acerto. Eu aprendo.

Como todo humano, eu respiro, eu choro, eu amo e eu vivo.

Eu procuro ser o melhor possível, mas nem sempre eu consigo.

Eu sou só mais um, mas talvez isso baste.

Samuel Shiva Fraga Ramires

*18 anos, IFBa, Salvador*

# Ilusão

Sou sua amiga quando se sentir sozinho.

Eu estou aqui

quando você se sentir triste ou confuso.

Posso acompanhá-lo na felicidade vasta e particular,

sou somente sua e de mais ninguém.

Vida normal?

Não a terá, ela não é sua amiga,  
eu sou.

Eu serei seu eterno companheiro nesta  
jornada no mundo.

Eu o farei louco, mas farei feliz,  
pois sou a ilusão.

Raquel da Silva Santos

*18 anos, aluna do CEEP Áurea de Oliveira Filho,  
Feira de Santana*

# Meu Mundo

Quem eu sou no mundo?

Quando criança, temos um mundo só nosso, onde nós somos os personagens principais. Depois que crescemos, vemos que somos todos atores coadjuvantes em milhares de histórias diferentes.

Na minha vida, sou a atriz principal, tentando crescer mentalmente para poder ajudar quem está do meu lado. Na vida dos meus pais, sou a filha mais velha, a primeira pessoa que entrou no mundo deles e que os observou fazer o seu melhor para ajudá-la a crescer como pessoa. Para minha irmã, sou alguém com quem se pode conversar e discutir. Para os amigos, sou alguém com quem se pode sorrir e chorar.

As pessoas mais próximas veem minha dor e minha felicidade, os mais distantes acham que sou fria e indiferente; para os médicos, sou uma paciente que precisa de ajuda, para diferentes pessoas mostro um lado meu que as vezes nem conheço. No imenso universo, sou mais uma pessoa vendo a bela paisagem, sou mais uma que viu aque-

la pessoa que se foi sem mesmo a conhecer, sou mais uma que não teve tempo de dizer adeus, sou mas uma que já foi magoada sem saber o porquê, sou mas uma que já sorriu por motivos bobos e sou mais uma que perdeu quem mais amava.

Mas, para meu criador, sou alguém especial, alguém que ele conhece no íntimo, mesmo quando era apenas um simples embrião, alguém que ele deu um futuro e uma esperança, que me levantou quando caí e me chamou de filha sem se importar com todas as minhas falhas, e me corrigiu e cuidou de mim e hoje me deu a chance de falar.

Quem eu sou no mundo?

Agora sou apenas uma jovem contando sua história e uma atriz coadjuvante na sua vida.

Karina Alves dos Santos

*16 anos, do Colégio Estadual de Trancoso, Porto Seguro*

# Ser

A coragem de tentar  
me permite ser quem sou.  
Sem medo de errar,  
levanto-me e vou.  
Assim, aos poucos, vou me descobrindo  
nesse mundo de incerteza e beleza.  
Nos momentos de fraqueza,  
eu sou a certeza de que tudo pode melhorar!  
Nos momentos de solidão e aflição,  
eu sei que não posso parar.  
Nos momentos de carência?  
Ah, eu sou a própria resiliência,  
Levanto-me para de novo recomeçar.  
De jeito nenhum deixo a dor me parar  
Tiro os sapatos e começo a dançar  
Deixando a alegria o meu corpo tomar.

Em tempos de pandemia,  
sou a esperança e a boa energia  
de que as coisas, para melhor, vão mudar.  
Eu sou a diferença do mundo, quando  
as coisas ruins, em boas, posso transformar.

Sou a vírgula do meu texto,  
quando sei que não é hora de parar.  
Sim, eu sou a estrela principal  
no espetáculo da minha vida.

Sou o ponto de partida,  
Sou a voz da minha cabeça  
que grita: “Sobreviva!”

Eu sou a persistência, sou quem quero ser,  
Eu sou a que nesse mundo pode, e vai, a  
diferença fazer.  
Ninguém pode me parar, só para melhor agora  
irei mudar.

Jéssica da Silva Cerqueira  
*17 anos, Colégio Estadual de Ensino Profissional Áureo,  
de Oliveira, Feira de Santana*

# Quem eu sou no mundo?

Quem eu deveria ser, quando eu não faço ideia de onde eu deveria estar?

Sou um tipo de pessoa ansiosa, que se preocupa demais com coisas minimalistas e se preocupa de menos com coisas realmente importantes

Inconstante demais pra manter a mente parada em um assunto só, vejo o mundo à minha volta avançar de forma desesperadora, enquanto eu crio uma vertigem inconsciente de dar o primeiro passo em direção a minha tão esperada vida real.

Acho extremamente monótono e cansativo ter que provar o tempo todo que eu sou uma pessoa de verdade, que eu mereço existir e viver, e não apenas colocar uma máscara toda vez que eu saio pelo portão de casa.

Sou no mundo uma forma abstrata de uma obra de arte qualquer, esperando pelos olhos que me decifrem, mas também espe-

rando que o mundo inteiro note que eu não tenho explicação alguma.

Sou exatamente o tipo de pessoa que anda na rua esperando passar despercebida, mas sempre tem um ar misterioso que faz todas as atenções se voltarem em dobro, como se fosse um aviso de “você não pode fugir de mim”.

Eu sou no mundo uma incógnita, um grande desastre em grande parte do tempo, porém também uma solução simples para problemas graves.

Estou em muitos lugares, mas não pertenço a nenhum deles, eu sou do mundo mas o mundo não é meu...

Ainda.

Maria Eduarda de Oliveira

*18 anos, aluna do CEEP Isaías Alves, Salvador*

# Seu José

Um dia, conheci um senhor chamado Seu José, com cabelos já grisalhos e dono de um belo mercadinho. Seu Zé, como gostava de ser chamado, me contava suas histórias de quando era pequeno e do tempo em que era jovem como eu.

Adorava brincar comigo de inventar histórias e contá-las para os pedestres que passavam na calçada do seu pequeno comércio, e as pessoas que chegavam a conversar com o grisalho Seu Zé ficavam cientes do quão emocionante eram suas experiências de vida e sua forma doce de cuidar de todos, fosse um desconhecido ou um parente seu.

Fui uma dessas pessoas que passou de desconhecida para tornar-se sua neta de criação. Todas as minhas tardes eram preenchidas por docinhos e as brincadeiras, mas depois de algum tempo nossas tardes de conversas entraram pela noite, mais exatamente antes da minha hora de dormir. O quintal da minha casa era o local de encontro e os papos se tornaram mais sérios e aconselhadores. Seu Zé me contou a paz que era o seu novo lar, que as pessoas eram mais simpáticas que as daqui, mais empáticas e com toda certeza mais gene-

rosas. Ele sempre me pediu para sorrir, independente da situação ou pessoa e, com mais noites de conversa, ele disse que talvez seja isso que falte para que aqui tenha a paz que tem lá.

Falou que eu poderia começar essa mudança e eu concordei. Quero ser alguém como Seu José e encontrar mais pessoas como eu, assim ajudando a tornar o mundo atual num lugar melhor para se viver.

E, no final, ser uma estrelinha como ele, mas ainda assim continuar fazendo a diferença. Estrelas como Seu José sempre irão brilhar e iluminar diversos caminhos...

Isso que quero ser.

Ihandra Lopes Correia dos Santos

*16 anos, aluna do Colégio Estadual Normal, Serrinha*

# Como sair desse labirinto de medo?

**L**endo John Green, o acontecimento com o qual eu me identifiquei mais foi a saída de Alasca Young do seu labirinto. Mas ela escolheu um caminho que eu não ousaria percorrer, direta e rápida. Eu me sinto muito triste com o meu labirinto, mas aí eu paro e penso sobre outras pessoas com seus próprios labirintos, e sobre as pessoas que riem do labirinto dos outros.

Depois, quando li o diário de Carolina Maria de Jesus, vi o quão tenebroso era o seu labirinto: passar fome. E quando eu ponho, por um instante, a cabeça para fora de meu mundo e vejo outros mundos diferentes do meu – talvez mais perigosos, em todos os sentidos – eu só desmorono.

É que eu começo a sentir que meu labirinto é menos importante, mesmo sendo tão intenso. Eu começo a questionar tudo, perguntando-me o porquê de as pessoas sofrerem tanto e por que essas mesmas pessoas não ligam. Esse choque é um dos impulsos para a construção do meu labirinto.

Eu comecei a escrever com treze anos, pois não tinha ninguém com quem conversar. Desde en-

tão, comecei a criar histórias para fugir da realidade na qual vivia, pois ela me assustava. Ainda assusta. O problema é que, apesar de a escrita ter me ajudado a manter minha sanidade mental, ela também me puxou para fora do mundo. Eu deixei de me interessar pela vida e pelas pessoas porque eu estava muito ocupada escrevendo sobre o quão insuportáveis são as pessoas e a vida. Eu lembro de tudo que já li e escrevi, e percebo que eu me perdi dentro do meu labirinto por medo. Medo do mundo.

Eu tenho muito medo, medo de tudo. Na verdade, eu estou apavorada, já estive horrorizada, e com um pouco de medo também, mas agora eu estou com muito medo. Não consigo encontrar algo que não me dê medo. Mas como sair deste labirinto?

Meu sofrimento é o medo, acho que sempre foi. Desde pequena. Medo de ficar sozinha; mas por um tempo eu quis ficar sozinha, só que acho que eu só não queria exageros e grudes. Eu nunca quis ficar sozinha de verdade. Eu tenho muito medo de crescer, pois quando eu crescer o labirinto de so-

frimento ficará cada vez mais confuso e os medos irão aumentar bastante. Também tenho medo de ficar presa e de mudar. Medo das mudanças, pois há a possibilidade de as coisas mudarem para pior. Eu nunca sei o que vai acontecer.

Em outras circunstâncias – talvez em outro mundo – talvez eu não tivesse tanto medo, mas aqui neste mundo tudo parece ruim, como se as coisas boas estivessem encolhendo e todas as pessoas estivessem se perdendo em seu próprio labirinto de sofrimento.

Beatriz Nascimento Santana

*18 anos, Curso e Colégio Análise, Salvador*

# Quem eu sou no mundo?

Meu relacionamento com o mundo nunca foi bom, eu sempre me frustro com ele.

E o mundo berra para mim: – Eu não tenho culpa pelas pessoas ruins que habitam aqui.

E eu dou uma nova chance para ele, em seguida me decepçiono novamente.

Todas as vezes que eu penso em como o mundo está e tudo que ele é, eu desabo e choro. Mas, e o mundo, como ele me enxerga?

Eu penso e ele diz: – Você vive reclamando, só que não faz nada para que eu melhore.

Então, no mundo eu sou apenas mais uma semente entre os bilhares que não germinam bondade?

A pessoa que chora quando vê uma  
queimada e de louca é taxada?

A que fala 'bom dia' para o moço do lixo, e  
os outros dão risada?

A que evita jogar o papel no chão e, lá  
na frente, encontra toneladas, e se torna  
uma piada?

As pequenas atitudes contam?  
Ou a maioria sempre vence?

No mundo eu sou quem já perdeu  
a esperança ou a realista? A louca ou  
a vítima?

Enquanto não sei quem eu sou no mundo,  
eu procuro ser alguém melhor.

Sonho por um mundo melhor.

Mas, em meio a bilhões, quem tem piedade  
de um pobre sonhador?

Luana Araújo de Souza

*17 anos, aluna do Colégio Estadual do Campo, Andorinha*

# Aquele desejo começou com uma apresentação qualquer

**P**edro nunca foi alguém de muitas palavras. Ele era quieto, na beira do educado, e constantemente ouvia pessoas perguntando sobre sua timidez ou coisas do tipo. Sua postura retraída quando buscava palavras, seu silêncio quase assustador enquanto preferia ouvir do que falar.

Era final da manhã de uma terça quente, quando seu professor lhe pediu que ficasse depois da aula, porque tinha algumas palavras a dizer. O homem não demorou a notar os sinais mais básicos de tensão, enquanto o via esperar: as mãos do garoto suadas, seu olhar baixo, os lábios crispados em quase mortificação.

De certa forma, Pedro sempre tinha sido aquilo que era visível, só era custoso, às vezes, que as pessoas notassem. Tinha nascido aquilo, assim, uma bomba-relógio de emoções prestes a explodir, porém afundadas nas covas mais obscuras da pele, e o único coveiro que fazia os buracos era ele.

Mas essa não é uma história sobre Pedro e a timidez. Sempre foi Pedro e o teatro.

Porque foi numa tardezinha de quinta, em que fora acompanhado de seus pais para o que deveria ser só uma experiência, que descobriu sua grande paixão. A atmosfera cheia de energia, a construção de figurino e de personagens, tudo isso cativou seu coração, e seus olhos tentaram consumir o máximo de cada uma das informações. Foi naquela apresentação, *sua* primeira apresentação, que aquela chama ardente de autoconfiança pareceu queimar dentro dele pela primeira vez.

Ele não tinha um público gigante, como certas peças teatrais por aí conseguiam, por contar com atores experientes. Na verdade, o número de pessoas era mais que o ideal para o que poderiam chamar de um grupo de pirralhos em cima de um palco. Mas Pedro sabia o que significava aquilo tudo de verdade; era *arte*.

Enquanto observava as pessoas entrarem, entendia a razão pela qual seu olhar pousou em

cada um deles com aquele fervor. Sabia o nome de alguns, como seu professor ou seus próprios pais, mas isso não significava que aquelas outras pessoas não tinham sua história, porque tinham. Assim como seus medos cruéis, como aquele que sentiu quando foi chamado para depois da aula. Ou alegrias, como finalmente decidiu chamar a emoção que queimava dentro dele.

O motivo pelo qual subiu no palco teria sido aliviar a dor de todos aqueles olhos que o observavam. Trazer um pouco daquela realidade que tinham ensaiado para a deles, e torcer para que isso servisse de apoio ou conforto por alguns instantes.

O grande desejo surgiu quando observou toda aquela fluidez não só saindo dele, mas vindo dos espectadores. Como eles se sentiam bem no momento para expressar suas raivas do que acontecia na peça, suas indignações, suas felicidades. Tudo isso expressado e transmitido por feições silenciosas e curiosas, como as dele eram antes.

Porque arte podia ser sobre se expressar, mas também tem sua função como um curativo temporário, em feridas invisíveis causadas pelo dia a dia, tanto nos cortes do ator quanto nos hematomas de seu público.

Era parte de sua existência cativar e tocar no fundo da alma, proporcionando um misto de sensações em algumas horas de cenas.

Foi em uma apresentação qualquer que Pedro entendeu que aquela era a única marca que queria deixar no mundo.

Caroline Santos da Paz

*16 anos, Instituto Federal de Educação, Camaçari*

# Alguém

Quem é você?  
Já tinham me feito essa indagação.  
Como sou cheia de pormenores, fiquei  
sem proposição.  
Responder com o nome seria o mais  
trivial a se dizer,  
Mas a gente lá gosta das coisas comuns  
Os absurdos que nos permitem ser

Porque pra uns eu sou Lu,  
Para a mãe sou Luciana, para o  
pai sou Neném,  
Pra uns amigos eu sou Luz, Camélia,  
Coruja, Bê, Biu, Lúcia ou Lucíola.  
Já teve gente que até me chamou de Luísa.  
Pra meu irmão eu sou Djuvi,  
Pra uns outros Luci.

São tantos apelidos elencados  
Pra mim, todos esses nomes são  
alocados  
No lugar que sou eu.  
Mas ainda continuam a perguntar  
Quem é você?

No meu caso, descobri:  
Só o nome não faz zunir.  
Eu, coelho sem toca, no mundo dos  
astros  
Fui saber:  
O nome só não faz melaço  
Mas o nome define alguém?  
Só basta tê-lo e tá tudo bem?  
Pra uns sim, o nome bastava.  
E continua bastando.

A gente sabe que o Machado será  
sempre do Assis,  
e a Rosa, nunca vai deixar de ser do  
Guimarães.  
A gente sabe que o Manoel sempre  
será de Barros  
e o Andrade do Oswald ou do Mário.

Mas quanto a mim  
E quanto alguns tantos outros,  
O nome talvez não diga muito.  
Mas mesmo sem dizer  
É sabido que nele está contido um  
tanto de coisas:  
Histórias, lamúrias, dores,  
lembranças.  
Nele está contido alguém.

Luciana Pereira Nascimento  
*18 anos, IFBa, Feira de Santana*

# Quem eu sou no mundo?

Uma miragem,  
Uma paisagem,  
Um vai e vem,  
Um Zé ninguém...

Quem eu sou no mundo?  
Um riso fingido,  
Pássaro que não sabe voar,  
Um olhar abatido,  
Um perdido tentando se encontrar.

E o mundo... vai bem?  
Na verdade vai mal.  
Na verdade, não vai ninguém.

Feminicídio em casa,  
Estupro nas ruas,  
E falam que a culpa é da mulher  
Porque ela, ela quis, ela estava nua.

Monte de inocente  
Indo para cadeia,  
Tachado de delinquente  
Sem dinheiro nem para ceia.

Quantos jovens sem educação!  
Porque querem?  
Não, não têm oportunidade  
E para falar a verdade:  
Pouca gente tem.

Monte de desempregado  
E dizem “que povo desocupado”.

“E agora José?”  
O dinheiro acabou, o gás acabou,  
O riso foi embora...  
Não sobrou nada, nada,  
Nem o passado nem o presente,  
Nem o agora.

“Me diz mais uma vez, que estamos  
distantes disso tudo”.

Já não dá pra dizer.

É fácil perceber

O jeito que o mundo está.

“Me diz mais uma vez que tudo isso vai  
passar”

Quem eu sou no mundo, afinal?

Uma paisagem,

Uma miragem.

Realidade fugindo do real.

Alguém andando para trás pensando que  
é para frente,

Porque essa é a realidade do mundo,

Essa é a realidade da gente.

Elisandra Vitória Santana

*18 anos, do Colégio Luciano Passos, Cruz das Almas*

# A menina

**D**a janela do meu apartamento, eu encaro o chão lá embaixo. Dez metros de distância. Então eu penso: – E se eu pudesse começar tudo de novo?

Supondo que reencarnação existe, eu poderia nascer em um país diferente, em uma família diferente, com corpo e sexualidade diferentes. Talvez com uma diferente cor de pele ou tamanho. Em um momento diferente. Pois se eu não posso voltar no tempo em vida, então talvez eu consiga em morte.

Mas e se reencarnação não existir?

Talvez eu vá para o inferno por cometer suicídio, ou para o paraíso por ser fraca. Ou até para o inferno por ser uma fraca suicida. Não sei.

De repente, um garotinho de uns seis ou sete anos aparece andando sozinho lá embaixo e eu sinto inveja, pois eu gostaria de ter aquela idade de novo. Só que, então, eu olho para frente, para a cidade, adiante, e me lembro de ainda ter um mundo desconhecido para ver.

Tenho, por um momento, ânsia de ir, de descartar o medo e me entregar à vida. Porém eu não tenho certeza se sou forte o suficiente para esperar pelo momento de voar.

Esperar aqui, presa, trancada em casa.

Apesar desse receio, eu ainda encaro a cidade. Eu já esqueci do chão. Então eu penso como vou me encaixar ali naquele mundo e como eu me encaixo agora no mundo.

Só que eu não chego a nenhuma conclusão, pois já não lembro como é o mundo. Por mais que eu tenha consciência de que ele está lá fora, eu não consigo me enxergar nele, justamente por não o sentir mais.

Atualmente, o mundo no qual vivo é o meu quarto, e as paredes são seus limites. Meu lugar na sociedade agora é fora dela.

Por mais que eu encha a minha cabeça de planos e tente acreditar na frase “Qualquer um pode mudar o mundo”, eu não percebo nenhuma perspectiva de mudança vinda da minha pessoa.

Eu não sei o que eu estou fazendo aqui, para onde vou e, o mais importante, quem sou eu aqui. E, sinceramente, não acho que vou descobrir tão cedo.

Olho para baixo novamente e noto a ausência do menino. O chão não atrai mais a minha atenção, então meus olhos retornam às luzes da cidade à noite.

Eu posso não ter ideia de quem sou eu no mundo mas, com certeza, se eu tivesse a idade daquele menino não estaria procurando essa resposta.

E com esse pensamento eu sorrio e fecho a janela. Talvez essa busca seja o motivo pelo qual estou aqui, e essa curiosidade é o que me fará enfrentar dois anos de prisão sem olhar para o chão outra vez.

Beatriz Nascimento Santana  
*18 anos, Curso e Colégio Análise, Salvador*

# Sou alguém

Sou alguém que não quero ser  
Apenas sendo quem sou.  
Sou pecado humanizado,  
Sou a dor de ser amado,  
Sou amar quem não amou.

Sou um escritor esquecido,  
Sou um dos pilares da criação,  
Sou a história em seu início,  
Sou meu próprio vício,  
Sou um exagero vão.

Sou a forma d'água,  
Sou a timidez,  
Sou música,  
Sou verdade rústica.  
Quem são vocês?

Sou carne e osso,  
Sou papel e caneta,  
Sou um desconhecido,  
Poeta, escritor esquecido,  
Sou poesia em forma de letra.

Sou morte.  
Mas não se engane, não sou Deus:  
Sou mundo,  
Sou experiências em conjunto,  
Sou fruto  
dos próprios atos meus.

Guilherme Santos de Carvalho  
*18 anos, Colégio Estadual Armando Ribeiro  
Caneiro, Eunápolis*

# A mulher que sou

Eu sou mulher,  
A mulher que corre atrás,  
Dorme menos  
E sonha mais.

A mulher que acolhe,  
Que sofre  
Com e por outra mulher.

Sou aquela que vibra  
E até briga  
Ao ver lágrimas nos olhos  
De uma mulher querida.

Eu sou pura paixão,  
Mas, às vezes, solidão,  
Porque ouvi aqui e acolá  
Que qualquer outra mulher  
Eu deveria superar.

Vejo mulheres em toda parte  
E eu posso lhes garantir  
Que há espaço para cada uma  
Exercer livremente suas artes.

Sei que devo agradecer  
Àquelas que lutaram por mim  
E fizeram-me aprender  
Que sou eu o único ser  
A quem devo obedecer.

Isabela Marçal Rocha Calaes  
*17 anos, Colégio da Polícia Militar,  
Vitória da Conquista*

# A Menina

**E**lá estava a inquieta menina que sabia o que foi e o que será, sentada no chão de um quarto vazio de frente a um espelho rachado. Ela sonhava, considerava o antes e o depois, vivia em infinita utopia, mas nem conhecia de fato o que pretendia.

Nesse átimo, uma voz fraca ecoou de uma das fissuras do reflexo e lhe disse algo que interrompeu sua fantasia:

— O pretérito é imutável não te cabe transformar, o vindouro é contestável, a ti compete desvendar, todavia não despreze o único que se pode alterar, o seu eu atual, natural, irreverente, volúvel e impermanente.

Então a moça (depois disso quieta), cambaleou, tropeçou no espelho, caiu no seu âmago e da ficção duvidou. Ficou assustada com o que acabou de ouvir, entretanto concluiu que por medo estava assim como a maioria:

— Em um grande “show”.  
e, nesse show, se olhava para tudo em volta, exceto para o “sou”.

Naquele momento, em um choro abafado, percebeu que o ego do conto de fadas não satisfazia. De que adiantava viver em total mentira já que esse conjunto só lhe causava covardia?

Decidiu fazer a pergunta que em toda sua vida mais importaria:

“Quem sou eu nesse mundo de agonia”?

Novamente a voz interceptou, fez a menina respirar, olhar ao redor e tudo considerar. Proporcionou-lhe entender que poderia sim devanear, afinal mesmo que nada da idealização pudesse ter, era o que queria ser alcançado. Logo a faria perseverar.

Só uma coisa não deveria ser perdida: a sua própria existência.

Finalmente de pé, vista por sua própria lente, a garota declarou:

— Significo o passado e o futuro, nenhum deles é ausente, porém, expresso principalmente o presente.

Posso sonhar, contudo, minha realidade deve permanecer,  
nesse mundo amedrontado, sou aquilo que quisier ser!

De repente, como num passe de mágica, os cacos do espelho estavam se juntando, o quarto vazio gradualmente foi se ocupando, da invenção foi acordando, até que de fato despertou. Concluiu que de tudo aquilo criado em seu pensamento pouco se aproveitou. Sua emoção com a razão enfim se reconciliou.

E aquela voz... Era um som conhecido... consistia em sua consciência que reavivou. Tudo ganhou novas cores após a descoberta do “quem sou”.

Por fim, aquela menina o maior segredo da vida entendeu:

Viver aqui e agora é a única forma de desvendar o próprio eu.

Hemilly Serra dos Santos

*18 anos, do Centro Estadual de Educação Profissional Áureo de Oliveira Filho, Conceição da Feira*

# Quem sou eu no mundo...

No mundo onde tudo parece se distorcer,  
Onde os extremos se enfrentam  
E a empatia se perde na vontade de vencer  
No mundo onde uns têm de sobra  
E outros derivam à mercê...

Quem sou eu neste mundo?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou eu no mundo...  
No mundo onde na mesa do pobre falta o pão,  
Onde na mesa do rico se joga comida fora,  
E onde se deixa impune o ladrão,  
No mundo onde o filho chora  
E a mãe não vê...

Quem sou eu neste mundo?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou eu no mundo...  
Onde a mulher é vista como o sexo da fraqueza,  
Onde o homem bate na mulher  
E diz que foi só “uma pancada na mesa”.  
No mundo em que homem chorar é covardia,  
Onde o machismo parece prevalecer...

Quem sou eu no mundo?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou eu no mundo...  
Onde criança ainda tem que trabalhar,  
Onde ainda se vê criança fora da escola  
Porque é o trabalho que deve priorizar.  
Talvez não porque os pais queiram,  
Mas se não for assim de fome irão morrer...

Quem sou eu neste mundo?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou eu no mundo...  
No mundo onde se naturaliza a banalidade,  
Onde adolescente não obedece a ninguém  
E a maioria se perde na criminalidade.  
Talvez não por que queiram,  
Mas porque às vezes é a forma de na vida vencer...

Quem sou eu neste mundo?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou no mundo...

No mundo onde a roupa define o caráter da mulher,  
Onde o carro bonito define o status social,  
Mas suas atitudes não falam sobre quem você é.  
No mundo onde a vaidade supera os valores,  
Onde o dinheiro é mais importante que o saber...  
Quem sou eu neste mundo irônico?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou eu no mundo...

Onde na fila do SUS estão muitos por precisão,  
Onde ainda em pleno século XXI  
Vê-se gente falando em privatização.  
No mundo onde a saúde é um dever do estado,  
Mas não chega a todos como deveria ser...

Quem sou eu neste mundo?

E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou eu no mundo...

Onde o motorista bêbado mata sem ter noção,  
Onde enquanto uma família chora,  
Outra culpa o álcool pela sua ação.  
No mundo onde muitas vezes a bebedeira  
Estraga famílias, priva crianças de viver...

Quem sou neste mundo?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou no mundo...  
Onde ainda é grande o número de desempregados,  
Onde se pede qualificação, mas não se qualifica,  
E ainda chama o pai de família de folgado.  
No mundo onde experiência é o currículo  
E quem não tem fica sem a vaga, sem salário a  
receber...

Quem sou eu neste mundo?  
E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou eu no mundo?  
Mundo onde se vê muita desmatção  
Onde se destroem florestas  
E também se fala de preservação.  
Onde ainda há esgoto a céu aberto  
E o político passa e finge que não vê...

Quem sou eu no mundo?  
E para mudá-lo um que posso fazer?

Quem sou eu no mundo?

No mundo onde ainda se naturaliza a corrupção,  
Onde a justiça não chega a quem deve,  
Onde a impunidade gera medo na população.  
Mundo onde ainda morre gente de bala perdida,  
Onde a criança pobre vê se restringir o seu  
crescer...

Quem sou eu no mundo?

E para mudá-lo o que posso fazer?

Quem sou neste mundo?

Sou quem veio para fazer a mudança,  
Eu sou a voz da juventude,  
Eu sou a voz da esperança.

Sou eu quem vai lutar contra o político ladrão,  
Sou eu a lutar para colocar de volta na escola  
a criança,

Sou eu que vou lutar para o jovem voltar a sonhar,  
Sou eu que vou lutar para o pai de família ter onde  
trabalhar,

Sou eu quem vai lutar, e lutar com perseverança!

Sou eu quem vai lutar para dar à família humilde  
o pão,  
Eu que vou lutar para tentar acabar com a  
desigualdade,  
Sou eu quem vai lutar por uma sociedade menos  
violenta  
E devolver à criança a alegria de viver, a dignidade.  
Sou quem vai combater a discriminação contra  
a mulher,  
Mostrar para o mundo que ela pode ser quem  
ela quiser.  
Sou a voz da juventude, vou lutar para melhorar  
a sociedade.

Sou eu quem vai para as ruas protestar.  
Reivindicar por uma boa saúde e educação.  
Sou eu que vou lutar pelos nossos direitos,  
Desnaturalizar a poluição, a desmatção, a corrupção.

Sou eu quem vai lutar por um futuro melhor para  
sociedade,  
Lutar para dar ao pai de família uma oportunidade.  
Sou eu quem vai lutar e vou lutar com o coração...

Eu sou o espelho do futuro,  
Vou lutar neste país pela igualdade e pela  
democracia.

Não! Sozinha não irei conseguir,  
Mas com a força da juventude tudo isso será  
possível um dia...

Eu sou a voz da juventude, a semente do futuro  
semeada,  
A voz da esperança, a voz da perseverança sendo  
plantada.  
Essa sou eu no mundo, um broto de rosa,  
prestes a desabrochar e espalhar alegria.

Fabiula Ledo Araújo

*18 anos, Centro Territorial de Educação Profissional do  
Sertão Produtivo, Caetité*

# Nana neném

Uma das minhas primeiras e mais calorosas memórias é da minha falecida avó acariciando os cachos do meu cabelo enquanto cantava uma conhecida cantiga de ninar sobre uma entidade do Folclore Brasileiro que sequestrava e fazia experimentos com crianças malcriadas, a Cuca.

Apesar da descrição, essa é uma música sobre amor familiar e, entre suas letras, ela sussurrava pra mim: “Minha vovó costumava cantar essa mesma canção para mim. A avó dela cantava para ela também e você cantará para os seus netos. É assim que você nos manterá vivas quando eu tiver ido embora. Nunca se esqueça de onde você vem, meu filho”.

Quando eu estava prestes a fazer a passagem para o mundo dos sonhos, eu entendi a profundidade da minha herança cultural: cultura, mesmo em suas representações mais singelas — uma cantiga de ninar sobre um monstro, por exemplo — é um elo poderoso que transcende espaço e tempo, e une cada membro de uma nação, do passado e do futuro.

Entretanto, de vez em quando, mesmo conceitos duradouros como “cultura” não conseguem resistir à prova do tempo. Por um longo período, eu não pude entender as preocupações da minha “Nana” em assegurar que os legados culturais dos nossos ancestrais — escravizados africanos, populações indígenas, e invasores europeus que construíram esse país — fossem preservados. Afinal, todo brasileiro que eu conhecia estava ciente de nossa história, nossa cozinha, nossos sotaques, nossas tradições religiosas, nossas mazelas e nosso jeito de vida.

Porém, sua apreensão somente ficou clara para mim, quando eu amadureci e aprendi sobre os muitos impactos positivos e negativos da globalização em um país semiperiférico como o Brasil. Mais especificamente, as noções de aculturação e dominação cultural.

Quando eu percebi que muitas pessoas, principalmente de gerações mais novas, estavam rejeitando e esnobando nossa própria cultura em prol de hábitos estrangeiros e produções culturais internacionais, eu senti que havia falhado com mi-

nha avó e com todas as pessoas que ajudaram a compor a história do nosso povo. Devo declarar, porém, que não há absolutamente nada de errado em consumir filmes, seriados de televisão, livros e músicas de outros países. Eu também faço isso. Eu amo Hollywood, eu assisto animes japoneses, eu leio romances de Stephen King, e eu escuto Lady Gaga e qualquer grande diva pop que você possa nomear.

Eu admiro arte de todos os cantos do mundo, mas eu jamais deixaria essa admiração me enganar ao ponto de negar a própria cultura do meu país, ou pior, rotulá-la como inferior. Nunca esquecer de onde eu venho é sobre não perder minha identidade.

Dessa maneira, entendo que, perante minha comunidade, minha ancestralidade e minha nação, eu tenho um papel fundamental de lutar pela preservação do que nos faz ser brasileiros. Valorizar a força invisível que nos une, mesmo sem perceber, e que alicerça quem somos como povo.

\*

Logo, quem eu sou? Eu sou o produto de um país multicultural, miscigenado e continental. Sou alguém que entende que ser filho do berço esplêndido da “Mátria” Brasil vai muito além de uma bandeira verde e amarela a tremular no céu ou de um hino cantado em uníssono. Entendo que é nas pequenas coisas que embasamos nossa essência.

Sou brasileiro, portanto, mesmo que esteja nos confins mais longínquos da Terra, longe do afago dessa terra sagrada, posso entoar para mim mesmo a seguinte melodia e saberei que não estou sozinho: “Nana neném...”

Matheus Francisco Luquini de Souza  
*17 anos, Colégio Militar, Salvador*

# Dissertação do sentimentalismo

**O**s meus passos parecem não fazer barulho quando ando freneticamente de um lado ao outro no quarto, e talvez isso me incomode. Parece que a cada segundo estou mais invisível e a verdade é que tenho muito medo de ficar invisível. Tenho medo de não ser visto, notado ou percebido, tenho mais medo ainda de ser esquecido.

Mesmo quando falam comigo, me chamam para sair ou seguram minha mão, parece que a minha carne apenas atravessa a carne alheia, e não há nenhuma ligação concreta acontecendo ali.

Quando penso que nada toca em nada, porque a química já determinou que átomos e moléculas se repelem, me sinto assombrado, porque mesmo sem tocar em nada, ainda dói. Parece que as coisas físicas podem ser tão subjetivas quanto um coração partido, que acontece, mas não pode ser visto, apenas sentido. O toque entre peles teoricamente pode ser visto e sentido, mas acho que nada garante que realmente vemos o que está acontecendo. Seu eu toco a mão de quem amo, muitas coisas podem acontecer e nem todas elas

podem ser vistas, apenas sentidas. Talvez isso possa exemplificar o que quero dizer.

Eu me sinto invisível porque não consigo sentir as coisas que vejo. Eu vejo que estou tocando em pessoas e falando com pessoas, porém não sinto que realmente faço isso. Não consigo mais sentir quando ando pelo quarto, assim como não consigo sentir quando beijo os lábios dela, e talvez isso doa.

Às vezes é difícil apenas ver, sem sentir; até porque não é algo que se possa compartilhar, não é como se as pessoas fossem entender se eu tentasse explicar que vejo um toque e não sinto o que aquele toque deveria me provocar, um estalo, um coração acelerado, uma pupila dilatada.

A subjetividade dos sentimentos é tão complicada que talvez seja, realmente, melhor não sentir. Mas dói. Curiosamente não sentir (inclusive não sentir dor) dói, intensamente; entretanto, mesmo doendo, eu não sinto a subjetividade da dor.

\*

Me pergunto quem sou nesse mundo tão vasto, apenas um grãozinho de areia que anda de forma metódica pelo quarto pensando no significado dos sentimentos. A dúvida de quem sou é realmente algo que faz parte da vida e da mente humana, porém se nada sinto, como posso ser alguém? Pessoas podem ser definidas por seus sentimentos e características.

Se você é mais emotivo, podem te chamar de fresco; se é mais metódico, talvez seja frio e calculista; se não consegue lidar bem com críticas, então você é pavio curto. O que esquecemos é que, mesmo com tantas determinações baseadas em características e emoções, somos muito mais.

Humanos também são subjetivos, nossa personalidade é subjetiva, nossas ideias são subjetivas e, mais que isso, nossas concepções de mundo são subjetivas.

\*

Engulo em seco e paro de girar pelo quarto que não passa de 5m<sup>2</sup>. O vento que entra pela janela maltrata minha pele e causa um arrepio na espinha. O arrepio na espinha vêm repleto de sentimentos subjetivos e eu lembro que estou vivo.

Eu sou mais um humano subjetivo, cheio de problemas, dores, sentimentos e anseios; porém, mais importante que tudo: eu sou meu eu-subjetivo. Eu não posso ser descrito em palavras e é isso que faz com que eu seja mais humano que nunca.

Samuel Shiva Fraga Ramires  
*18 anos, IFBa, Salvador*

# Posfácio

**E**ntendemos que, num concurso literário desse porte – com alunos adolescentes e jovens de escolas públicas –, não cabe julgamentos.

Fizemos escolhas, a partir de alguns critérios definidos, como o alinhamento do texto com o tema proposto, a inventividade do autor, a clareza das ideias, a correção e estilo da linguagem... E o sentimento posto, a alma.

Literatura é uma manifestação cultural artística, implica beleza e emoção.

Escolhas, como na vida, implicam perdas e ganhos.

Dessa maneira, a escolha ou seleção dos textos premiados e dos mais que fazem parte deste livro resulta em decisão regada a muitos aspectos subjetivos, sujeita a emoções, estados d'alma, momentos, até afinidades de pensamentos... Quem sabe?

Por conta disso, consideramos que até podemos ter deixado de lado ou permitido escapar textos bons, pertinentes, talvez tenhamos perdido pedras preciosas, aqui e ali escondidas.

Mas é assim, são assim as escolhas e facetas da vida. As tais encruzilhadas! Às vezes, tomar decisões dói, quase sempre escolhas provocam machucados doloridos, que o tempo cura.

No entanto, ao lado disso, temos os ganhos! As alegrias, os achados, sustos, emoções ...

Na leitura cuidadosa desses mais de 50 textos – crônicas, contos, depoimentos, poemas ... – fomos surpreendidos com escritos maravilhosos! Literatura boa, expressiva e explosões de sensibilidades.

Alguns escritos, aqui postos neste livro, nos emocionaram de verdade, foram lidos e relidos com lágrimas nos olhos.

Resta-nos explicitar que essa obra tem a expressão, o grito de esperança, traz impregnado aquele sentimento de confiança nessa juventude que nos aponta o amanhã, o futuro.

O Brasil espera muito de cada um desses moços – elas e eles. Confieamos.



Este livro foi editado em maio de 2021  
pela Solisluna Design Editora, na Bahia.





Festa Literária Internacional

**vivalivro**  
literatura como acolhimento

Este livro é composto por textos selecionados de alunos de escolas públicas baianas que se inscreveram e concorreram no Concurso Quem eu sou no mundo da I Festa Literária Internacional Viva Livro – Literatura como Acolhimento –, evento realizado virtualmente, de 24 a 27 de março de 2021, coordenado pela Solisluna Editora e o Instituto Emília.

A I Festa Literária Internacional Viva Livro – Literatura como Acolhimento teve o apoio financeiro da Fundação Pedro Calmon, Secretaria de Cultura do Estado e Governo da Bahia, mais a Secretaria Especial de Cultura, Ministério do Turismo/Governo Federal, através da Lei Aldir Blanc.

ISBN 978-65-86539-35-6



9 786586 539356

Apoio financeiro



SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

